

“MURDERING BLACK MONGREL BITCH”: CRIME E MONSTRUOSIDADE EM *FLEDGLING*, DE OCTAVIA BUTLER

Fernanda Sousa Carvalho (pesquisadora independente)¹


Resumo: Este trabalho analisa o romance de ficção especulativa *Fledgling* (2005), da escritora afro-americana Octavia Butler, que conta a estória de uma garota negra híbrida, geneticamente criada a partir da mistura de genes de uma humana com os de uma espécie vampíresca, os Ina. Tal estória permite discutir as questões de monstrosidade e crime em relações raciais e reflete situações de racismo historicamente experienciadas por negros e mestiços, especialmente nos Estados Unidos. Argumenta-se aqui que o romance de Butler pode ser lido como uma crítica a conceitos que tendem a limitar, oprimir e excluir indivíduos de forma puramente preconceituosa, constituindo assim uma ferramenta de contestação da realidade social.

Palavras-chave: Crime; Monstrosidade; Racismo; Ficção Especulativa

A frase citada no título, “murdering black mongrel bitch”, que se traduz como cadela híbrida assassina, faz parte do discurso de uma das personagens do romance *Fledgling*, de Octavia Butler, para se referir à protagonista, Shori. Híbrida geneticamente criada a partir dos genes de uma humana negra e de mulheres da espécie vampírica Ina, Shori desperta o ódio e o preconceito de outros Ina que se recusam e aceitá-la como parte de sua comunidade e tentam assassiná-la. A frase citada acima, altamente ofensiva, é usada pelos agressores de Shori durante seu julgamento para tentar justificar o crime que cometeram contra ela e acusá-la de outros. O xingamento associa a protagonista a um animal e enfatiza o traço físico que marca sua diferença em relação aos Ina: sua negritude. Tal associação remete a discursos racistas experienciados ao longo da história por afrodescendentes, em especial nos Estados Unidos. Este trabalho investiga a relação entre monstrosidade e crime no romance de Butler de forma a ilustrar como essa relação reflete e critica relações raciais na experiência cotidiana.

A caracterização da monstrosidade no romance é, contudo, complexa. No mundo fictício criado pela autora, os Ina são uma espécie diferente, que teria dado origem ao mito do vampiro e que passa, contudo, despercebida entre os humanos. Sabem de sua existência apenas seus simbioses, os humanos dos quais se alimentam numa relação de mútua cooperação – enquanto sugam seu sangue, injetam nele substâncias que lhes garantem mais saúde.

¹ Graduada em Letras (UFMG), Mestre em Literaturas de Expressão Inglesa (UFMG), Doutora em Literaturas de Expressão Inglesa (UFMG). Contato: fernandasousac@yahoo.com.br.




Os Ina são caracterizados como excessivamente pálidos, altos, esguios, com maior longevidade e fisicamente mais fortes do que os humanos. No entanto, sua fotossensibilidade os tornam vulneráveis durante o dia, uma fraqueza que um grupo de cientistas Ina tentou eliminar ao criar híbridos de Ina e humanos de pele negra. Desses híbridos, apenas Shori sobrevive após dois ataques cruéis que tinham por objetivo destruir qualquer possibilidade de hibridismo entre as duas espécies. Ao longo do romance, a protagonista descobre que os ataques foram arquitetados pela família Silk que se opõe veementemente a o que eles consideram uma contaminação da espécie Ina. O romance de Butler, então, faz uma alusão à associação da monstruosidade à diferença racial e étnica, já que, mesmo consideradas duas espécies e não raças distintas, os discursos das personagens Ina contra os humanos se assemelham àqueles historicamente usados por brancos contra negros.

Portanto, embora a monstruosidade possa ser associada a essa espécie não-humana, como é tradicional em histórias de vampiros, o romance de Butler caracteriza o humano como monstruoso numa inversão que sugere a relatividade das categorias normal e anormal, humano e animal, natural e artificial. Mesmo os humanos no romance não veem os Ina como monstros, o que se justifica pela relação de simbiose que mantêm com eles.

Por outro lado, uma noção de monstruosidade não passa despercebida aos olhos do leitor, o qual se depara com essa espécie descrita não só como fisicamente estranha, mas também de regras sociais e valores que em vários pontos se opõe aos de sua experiência cotidiana. Além do fato de se alimentar de sangue e toda a carga de abjeção que esse ato acarreta, os Ina se relacionam sexualmente com seus simbioses, a despeito do gênero, orientação sexual, classe social, raça e até da idade destes. Além disso, cada Ina pode possuir múltiplos simbioses, além de manter relacionamentos heterossexuais com outros Ina, nos quais visa primordialmente a reprodução. Nesse sentido, questões vistas como tabus por várias sociedades humanas são tidas como normais e até mesmo necessárias entre os Ina, como a bissexualidade e a pedofilia.

Por esse motivo, Shori pode ser vista com certo desconforto pelo leitor. Ela é caracterizada como uma mulher de cinquenta e três anos que aparenta ser uma menina de dez. Pelo relógio biológico dos Ina, ela é realmente uma pré-adolescente, já que só atingirá a maturidade sexual por volta dos setenta e cinco anos. Ainda assim, Shori é




caracterizada como altamente sexualizada, sendo mais atraente e capaz de proporcionar mais prazer do que qualquer outro Ina. As cenas de sexo entre ela e seus simbioses, homens e mulheres adultos, brancos e negros, podem chocar o leitor pela profunda discrepância em relação a normas e valores humanos. Contudo, Shori é caracterizada de modo a despertar a simpatia do leitor, que passa a ver como verdadeiramente monstruosa a atitude de seus oponentes – os Silk e seus aliados, que tentam destruir Shori e sua família de maneira covarde.

Essa simpatia despertada por Shori se mostra peculiar quando seu potencial de transgressão é considerado. A personagem pode ser interpretada o que Barbara Creed (1993, p. 1) chama de feminino monstruoso, isto é, o que a sociedade vê como chocante, aterrorizante, horrível e abjeto com relação ao corpo feminino. A sexualidade exacerbada de Shori e seu potencial de conceber outros sujeitos híbridos podem ser temidos por seus oponentes, mas acabam por empoderá-la como personagem feminina e negra.

Partindo do pressuposto que os caninos do vampiro podem ser lidos como símbolo fálico, uma vez que a penetração dos dentes na pele sugere o ato sexual (PIATTI-FARNELL, 2014, p. 70), então o prazer sexual que essa menina negra com caninos oferece para seus simbioses humanos não parece menos emblemática do que aquele oferecido pelo vampiro tradicional. A caracterização de Shori como bissexual combina as implicações sexuais dos caninos fálicos com aquelas do mito da *vagina dentata*, que simboliza o medo de castração, de uma desmasculinização pela mulher sexualmente agressiva (CAMPBELL, 1976, p. 79). Como afirma Giselle Liza Anatol, Shori “penetra a fronteira da pele – aquela que a maioria deseja que seja incorruptível, inviolável – e ao fazer isso se assemelha mais ao agressor sexual masculino do que ao sujeito feminino passivo”² (2015, p. 187; tradução minha). O romance de Butler, portanto, usa o tão conhecido potencial subversivo do vampiro em relação a normas sexuais e o combina com a questão da miscigenação para desafiar noções fixas sobre raça e sexualidade que têm sido usadas para rotular e controlar mulheres negras. Essa apropriação da figura do vampiro, tipicamente um símbolo da heterossexualidade

² “penetrates the boundary of the skin – that which most desire to be unassailable, incorruptible – and in doing so resembles the male sexual aggressor rather than the passive female”.




branca masculina exacerbada, para representar uma bissexualidade negra feminina subverte a natureza de opressões racistas e sexistas contra mulheres negras.

Shori não é apenas uma garota negra, mas também uma híbrida de humano e vampiro, atacada por indivíduos racistas que querem impedi-la de procriar. Esse hibridismo representa novas possibilidades para os Ina e a coloca numa posição de destaque como a esperança para um futuro de maior cooperação entre as duas espécies. Daí a possibilidade de empoderamento e agência feminina que a personagem representa.

Contudo, na estória de Butler nem todos os personagens reconhecem essa importância de Shori. A monstrificação de Shori por parte dos Ina que a atacam se deve à ameaça que ela supostamente representa para o que eles acreditam ser a pureza e superioridade de sua espécie em relação aos humanos. Tal monstrificação da ilustra o que Noël Carroll (1990, p. 32) aponta como uma das características que definem o monstro: a impureza, que emerge da transgressão de categorias culturais por parte do monstro e está relacionada à aparência física caracterizada por aquilo que é intersticial, contraditório, incompleto e disforme. Por ser parte Ina e parte humana e, assim, nem uma coisa nem outra, e também por ser negra, Shori contradiz o que os Silk e seus aliados identificam como a essência de sua espécie. O ódio e o repúdio com o qual a atacam indicam, dessa forma, um medo de contaminação. Segundo Jeffrey Jerome Cohen, “a raça tem sido, da Época Clássica ao século XX, um catalisador quase tão poderoso para a criação de monstros quanto a cultura, o gênero e a sexualidade” (2000, p. 36). Os oponentes de Shori claramente utilizam discursos racistas que historicamente apontam como monstruoso o outro racial para repudiar o que no romance é uma diferença entre espécies. Sua oposição ao hibridismo se assemelha à condenação da miscigenação pregada por discursos racistas.

É nesse sentido que os crimes cometidos pelos Silk e seus aliados contra Shori – os ataques em massa que mataram toda a sua família Ina e seus simbioses humanos – podem ser lidos como alusões a crimes de ódio racial cometidos contra negros em sociedades hegemonicamente brancas. A sociedade estado-unidense, onde a estória se passa, é particularmente marcada por tais crimes, cuja crueldade e barbarismo o romance de Butler critica.

Porém, de forma semelhante à questão da monstruosidade, a caracterização do crime em *Fledgling* se apresenta de forma complexa. Visto que as leis que regem os Ina




são diferentes daquelas que regem os humanos, pode-se interpretar a questão do crime no romance sob essas duas perspectivas. Os assassinatos em massa que vitimaram a família de Shori, por exemplo, enquanto seriam julgados num tribunal humano como crime de ódio racial, são julgados de forma diferente pelo conselho dos Ina. Isso porque os Ina não percebem diferenças raciais do mesmo modo que os humanos as percebem. No romance, os Silk são julgados por assassinar membros da própria espécie e por desrespeitar a relação de cooperação mútua que mantém com os humanos ao assassinar os simbioses de outros e explorar seus próprios simbioses. Os acusados, por sua vez, usam o que eles consideram ser a inferioridade dos humanos para justificar seus atos.

A interpretação dos assassinatos em massa que dizimaram a família de Shori como semelhantes aos ataques históricos por grupos racistas como o Ku Klux Klan contra negros e mestiços fica, portanto, a cargo do leitor. Assim como no romance, nos Estados Unidos, as propriedades de famílias negras e inter-raciais eram incendiadas e linchamentos e assassinatos em massa eram práticas comuns de grupos que pregavam a supremacia branca.

O plano dos Silk é descoberto quando alguns dos humanos que eles usaram para cometer os ataques são capturados e interrogados. Através do poder do veneno de sua mordida, eles tinham feito uma espécie de lavagem cerebral em um grupo de humanos, usando um discurso racista que era mais familiar a esses humanos do que a abjeção pela diferença de espécies. Assim, os Silk incutiram neles um ódio contra Shori e contra aqueles que estariam promovendo o hibridismo entre humanos e Ina, que remete à oposição à miscigenação entre negros e brancos. Uma vez revelados o plano e os atos dos Silk, um conselho de julgamento composto por treze importantes famílias Ina é convocado para julgar o caso.

Esse conselho é apresentado como uma alternativa ao sistema judiciário humano, mais especificamente o americano, de forma a criticá-lo. Ao explicar esse sistema à Shori, uma personagem afirma que os conselhos Ina não são jogos de poder e teatralidade como os julgamentos humanos, os quais consistem em seguir as leis tão cegamente a ponto de cometer injustiças. Os juízes Ina são anciãos que possuem a experiência necessária para perceber quem está mentido e assim descobrir a verdade e aplicar as punições cabíveis. Esse sistema, portanto, é defendido como mais eficaz e mais justo que o humano.




Uma das estratégias dos Silk para se livrar das punições é descaracterizar Shori como Ina, alegando que por isso ela não teria direito a ser protegida por suas leis. Como Ali Brox (2008, p. 403) indica, essa negação coincide com a real motivação por trás da legislação anti-miscigenação: evitar o respeito social e os benefícios econômicos associados ao casamento, o que conferiria legitimidade à prole do casal inter-racial. Assim, a visão supremacista dos Silk em relação aos humanos se assemelha às ideias supremacistas dos brancos em relação aos negros, os quais têm sido historicamente desumanizados e privados de seus direitos civis por discursos racistas e erros judiciais.

A respeito das punições decorrentes do julgamento no romance, elas também diferem daquelas que seriam aplicadas em julgamentos humanos modernos. Shori não é criminalizada, diferentemente do que normalmente ocorre com vítimas negras que reagem violentamente contra seus agressores ao longo da história. Antes, ela é vista como a verdadeira vítima e seus agressores são severamente punidos. A família Silk, por sua vez, é punida com sua dissolução: seus filhos e simbiontes devem ser adotados por outras famílias espalhadas pelo mundo, de modo que sua linhagem acabe por desaparecer. Tal punição reflete antigas formas de condenação de sociedades em que códigos de honra de família eram tão ou mais importantes do que as leis do Estado. Uma vez que o crime, como afirma Julio Jeha (2007, p. 13), representa o mal como transgressão das leis sociais, os oponentes de Shori são vistos como criminosos por ameaçarem a estabilidade da sociedade Ina.

Embora não tão importantes como os crimes cometidos contra Shori e sua família, outros exemplos de transgressão no romance merecem atenção. Trata-se de transgressões cometidas por algumas personagens que poderiam de algum modo ser consideradas crime de acordo com as leis humanas, mas não o são sob o sistema legal dos Ina. Uma delas é o relacionamento entre Shori e seus simbiontes, que envolve o ato sexual mesmo sendo ela ainda uma criança. Um dos simbiontes da híbrida, o jovem branco Wright, chega a temer as consequências legais de seu relacionamento com ela, antes de descobrir que dentro da sociedade Ina isso é perfeitamente aceitável e normal, uma vez que as relações sexuais entre humanos e Ina são uma necessidade biológica e não um tabu.

Outro exemplo de lei humana que não se aplica aos Ina é o assassinato não intencional de humanos por Shori. Após o primeiro ataque, ela acorda sem memória,




gravemente ferida e faminta em uma caverna e mata o que ela primeiro havia pensado ser um veado e depois descobrira ser um humano. Quando feridos a tal ponto, Inas precisam de carne humana para que seus tecidos possam se regenerar. As feridas de Shori eram tão serias e sua fome tão grande que ela não conseguia raciocinar e acabou não reconhecendo sua vítima como humano. Tal condição é considerada compreensível pelos Ina que a julgam e ela não é condenada por isso.

Concluindo, em *Fledgling* o crime é apresentado de forma a discutir a aceitação social de relações inter-raciais e da miscigenação. Ao criar uma espécie diferente para representar a diferença racial, o romance questiona noções de crime e suas motivações raciais. A monstrificação da diferença de espécies, usada pelas personagens que se opõe à protagonista para justificar seus crimes contra ela, se baseia na negação do pertencimento dela à comunidade. Essa monstrificação, portanto, também se assemelha à monstrificação da diferença racial usada para justificar a subjugação dos afrodescendentes aos brancos ao longo da história. A resposta do romance a esse processo de desumanização do outro racial é apresentar uma protagonista que, embora caracterizada por um alto potencial de subversão e abjeção, é empoderada e apresentada como esperança de um futuro melhor para humanos e Ina: uma negra híbrida. Conclui-se, dessa forma, que *Fledgling* não se limita a discutir a questão do preconceito em termos de opostos binários – branco/ negro, normal/ anormal, humano/ monstro. Antes, a estória de Shori sugere que tais conceitos são tão relativos que qualquer tentativa de taxar as diferenças nesses termos é falha. O romance contesta a realidade social, criticando conceitos que tendem a limitar, oprimir e excluir indivíduos de forma puramente preconceituosa.

Referências bibliográficas

ANATOL, Giselle Liza. *The Things that Fly in the Night: Female Vampires in Literature of the Circum-Caribbean and Africa Diaspora*. New Brunswick: Rutgers UP, 2015.



BROX, Ali. "Every Age Has the Vampire it Needs:" Octavia Butler's Vampiric Vision in *Fledgling*. *Utopian Studies*, 19.3 (2008): 391-409.

BUTLER, Octavia. *Fledgling*. New York: Seven Stories, 2005.

CAMPBELL, Joseph. *The Masks of God: Primitive Mythology*. Harmondsworth: Penguin, 1976.

CARROLL, Noël. *The Philosophy of Horror, or Paradoxes of the Heart*. New York: Routledge, 1990.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: DONALD, James; HUNTER, Ian; COHEN, Jeffrey Jerome; GIL, José (Orgs.). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CREED, Barbara. *The Monstrous-Feminine: Film, Feminism, Psychoanalysis*. New York: Routledge, 1993.

JEHA, Julio. Monstros como Metáforas do Mal. In: JEHA, Julio (Org.). *Monstros e Monstruosidades na Literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

PIATTI-FARNELL, Lorna. *The Vampire in Contemporary Popular Literature*. New York: Routledge, 2014.